



D'GENERUS: Revista
de Estudos Feministas e de Gênero

NÚMERO ESPECIAL

TERRA, AGULHAS E PALAVRAS: FEMINISMOS COTIDIANOS, POPULARES E REBELDES

APRESENTAÇÃO

Este número especial nasceu da necessidade de questionar, como pesquisadoras e militantes feministas, quais são esses lugares que habitamos, defendemos e cultivamos, diariamente? Onde pisamos, tecemos, semeamos, somos, amamos e resistimos? Por muitos anos essa resposta vinha pronta: nosso lugar era a cozinha, o salão invisível, o jardim solitário, as atividades manuais e o silêncio que nos fazia desaparecer. No entanto, através de uma escuta atenta e sensível às ancestralidades femininas que sempre nos acompanharam seguimos, com gestos cotidianos, cultivando uma insurgência que faria visível a relevância da nossa existência.

As autoras que participaram nesse projeto nos provocam a pensar no pertencimento à lugares diversos e em todos os saberes cotidianos, populares, coletivos, políticos e afetivos envolvidos que as mobilizam e que, por muito tempo, foram apresentados como muito simples para ser visibilizados como conhecimento. A proposta foi nomear, abraçar e resgatar trajetórias que foram apagadas, pois foram chamadas de irrelevantes, românticas e sem sentido. Nos mobilizamos através da ternura, da indignação e de afetos.

É com muita alegria que apresentamos este Número Especial da *D'GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero*. Os nove textos selecionados são provenientes do campo popular, ambiental, crítico, comunitário, decolonial e feminista, priorizando a escuta e defesa atenta dos diversos territórios, entendendo que existem outros mundos possíveis narrados através de pedagogias vivas, que se centram em experiências das e para as mulheres. Assim, nessas linhas vocês poderão encontrar linguagens várias, que nascem do fazer e conviver: desde os pontos traçados com agulhas, ervas que curam, metodologias participativas, até aquilo que não cabe nas palavras, mas pulsa na memória, no tempo, na terra, no corpo, em nós.

Começamos este número especial da revista com o texto **Redeiras da Z-3, mulheres na pesca de sonhos no artesanato**, de *Vitoria de Lima Cardoso*, que aborda, através de uma pesquisa etnográfica, a transformação do saber-fazer rede de pescar camarão-rosa, para o ofício da confecção de um artesanato derivado da pesca, no grupo de mulheres artesãs-pescadoras, chamadas redeiras, no extremo sul do Brasil.

A continuação, Erlene Pereira Barbosa e Nivia Barragan Ferreira, no seu texto **O Artesanato como ferramenta de feminismos e resistência no Quilombo “Vó Elvira”**, apresentam uma atividade coletiva das mulheres desse Quilombo, que gera renda e permite resgatar a cultura de seus ancestrais, fortalecendo a troca de experiências das mulheres, a socialização e os interesses da coletividade.

Lilian Becker em **Entre ervas, benzimentos e memórias: o cuidado feminino ancestral**, aborda como os saberes ancestrais relacionados a práticas de cura como banhos de ervas, rezas, benzimentos e uso de plantas medicinais, são transmitidos entre mulheres ligadas às religiões de matriz africana, evidenciando que os saberes espirituais e populares resistem à deslegitimação histórica imposta por sistemas coloniais, patriarcais e científicos hegemônicos, mantendo-se vivos nos cotidianos de famílias e comunidades.

O artesanal e o ordinário: tramas e pitadas da experiência das mulheres com o trabalho, de *Jamile Wayne Ferreira e Carolina Wudich Borba* busca, nas dimensões históricas e socioculturais da experiência das mulheres das classes populares, formas de pensar a culinária e a costura, entendendo que a divisão sexual do trabalho estabeleceu uma hierarquia simbólica, relegando o trabalho feminino ao âmbito doméstico e à invisibilidade, enquanto o trabalho masculino equivalente, como o do alfaiate e do chef, alcançava prestígio e valorização.

No texto **Cuidar, educar, pesquisar: a maternidade no contexto acadêmico**, *Lucas Vargas Bozzato, Eduarda Vesfal Dutra, Silvia Teixeira De Pinho e Franciele Roos Da Silva Ilha*, buscam refletir sobre como a maternagem atravessa a formação e a atuação de mulheres na universidade, especialmente na pós-graduação, para visibilizar tensões, silêncios e estratégias desenvolvidas por essas mulheres. Os resultados revelaram a sobrecarga enfrentada pelas mães acadêmicas, mesmo quando inseridas em contextos de maior estabilidade institucional.

Renata Nasinhaka e Márcia Alves da Silva em **Árvore identitária: um caminho para o conhecimento de si na formação pedagógica popular e feminista** nos apresentam uma atividade denominada “árvore identitária”, com o intuito promover um diálogo com as temáticas dos estudos de gênero, formação docente, pesquisa (auto)biográfica e educação popular. Através do exercício (auto)biográfico, as estudantes revisitaram suas próprias trajetórias de vida e de formação, enquanto mulheres e professoras em formação, trazendo à tona e compartilhando memórias de suas vivências.

No texto **Design e educação antirracista: uma cartografia de trajetórias formativas**, *Rafael Santos da Rosa* explora a interseção entre design, cartografia e educação antirracista, para investigar como competências em design e comunicação podem ser empregadas como ferramentas pedagógicas e políticas para a valorização de epistemologias historicamente marginalizadas, tornando visíveis e acessíveis as narrativas de mulheres negras, reforçando a necessidade de ocupar espaços de resistência.

A educação ambiental, educação popular e gênero: refletindo sobre experiências feministas transformadoras, de *Felipe da Silva Justo, Caroline Terra de Oliveira e Maria Odete da Rosa Pereira*, analisa dois casos paradigmáticos na América Latina: o coletivo Pañuelos en Rebeldía (Argentina) e o Projeto de Educação Ambiental PEA FOCO (Brasil), demonstrando que a integração entre pedagogias feministas, educação ambiental crítica, educação popular e defesa territorial não apenas visibiliza e valoriza os saberes tradicionais femininos, mas também gera formas concretas de organização contra-hegemônica.

No último artigo deste número especial, **Tramas y urdimbres feministas, populares y decoloniales en la educación ambiental**, escrito em espanhol por *Lisette Torres-Arévalo e Narjara Mendes Garcia*, as autoras buscam evidenciar a necessidade de pensar em uma educação ambiental tecida com nuances feministas, populares, descolonizadoras, além de antirracistas e intergeracionais, principalmente, tendo como base interações que ocorreram em torno de uma oficina de tear decorativo, em duas cidades do Brasil: Mocajuba (Pará) e Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul).

Finalizamos esta apresentação esperando que vocês desfrutem, tanto quanto nós, da experiência de mergulhar em linguagens e histórias diversas, que se concentram em romper silêncios impostos e abrir outras possibilidades de análise e leitura das realidades cotidianas.

Boa leitura!

Profa. Dra. Lisette Torres-Arévalo
Pós-Doutoranda em Educação – PPGE / UFPel

Profa. Dra. Márcia Alves da Silva
Docente do PPGE / UFPel

(Organizadoras)